

SUBJETIVIDADE DANIFICADA: MULHERES NEGRAS, RACISMO E IDENTIDADE¹

Luiza Costa de Souza
PPGECC/UFRJ

Palavras-chaves: Antropologia das emoções; Mulheres negras; Racismo.

RESUMO

Neste trabalho exploro a conexão entre emoções, identidade e espaço, sob uma perspectiva interseccional (Collins, 2019), com enfoque nas vivências de mulheres negras, analisando a relação mútua entre essas esferas. Esta reflexão parte da pesquisa desenvolvida no meu atual curso de mestrado em antropologia, ressalto que esta investigação teve seu início em 2024 através da iniciação científica realizada durante a graduação no curso de ciências sociais. A pesquisa tem como objetivo compreender como se constituem as experiências emocionais de mulheres negras graduandas no campus universitário da Praia Vermelha da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Trata-se de uma análise construída a partir de uma metodologia qualitativa, que articula a bibliografia e as experiências compartilhadas pelas interlocutoras durante as entrevistas, juntamente com as minhas próprias vivências enquanto mulher negra que já experienciou esse espaço como estudante e, agora, como pesquisadora. A vista disso, construo o estudo a partir da compreensão do corpo (Bonet, 2008) e o contexto sócio-cultural como elemento essencial para pensar as emoções (Ahmed, 2015), na sua interface com os estudos da interseccionalidade, a partir da Epistemologia Feminista Negra (Collins, 2019). Nesse sentido, busco apresentar os resultados preliminares que apontam a complexidade das emoções sentidas, considerando que elas são agenciadas por “quem somos” e pelo ambiente e, ao mesmo tempo, alteram nossas *identidades* (Hall, 2006), afetando, conseqüentemente, as experiências vividas nesse espaço. Este trabalho reúne histórias doloridas e subversivas, que se formam na relação sensível entre emoções negativas, racismo, agência e resistência.

INTRODUÇÃO

A pesquisa realizada durante a graduação, pelo projeto de iniciação científica “Trauma e subjetividade no Rio de Janeiro contemporâneo” iniciada em 2023, sob orientação do professor Octávio Bonet, foi o início da investigação entre emoção e

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

identidade, tendo continuidade no desenvolvimento da atual pesquisa de mestrado. A reflexão aqui presente foca nos dados contínuos de ambas as pesquisas, que se complementam e ampliam a perspectiva de tais questões.

Ambas as pesquisas se preocuparam em compreender como se dá a experiência emocional de mulheres negras no campus universitário da Praia Vermelha da UFRJ, tendo em vista que, este possui maioria branca.² Apesar da política de cotas adotada pela universidade, este espaço universitário abriga os cursos com um quadro de discentes embranquecido, possuindo apenas dois cursos com maioria negra, estes são, pedagogia e serviço social. Considerando isto, estudei como nós, mulheres negras, nos sentimos emocionalmente neste espaço, considerando minha posição de mulher negra que é pesquisadora e antes fui graduanda³ na UFRJ. Diante dos eixos temáticos e objetivos de investigação e análise da pesquisa, neste trabalho apresentarei e discutirei apenas dois: **as relações entre emoção e identidade**.

Nesta apresentação, darei enfoque aos efeitos da violência racial, observando que o racismo atua enquanto agente dessas duas instâncias da subjetividade. Desse modo, percebi que como nos sentimos ao habitarmos o espaço universitário majoritariamente branco se constitui também pela experiência do racismo, este sendo o agente que dá significado a situações e danifica nossa subjetividade. Este trabalho se desenvolve a partir dessa reflexão, compreendendo que é possível perceber as reverberações e afetações do racismo, que são causadas em nossa forma de ser, através do jogo entre nossas emoções e identidade.

Ressalto também que o trabalho apresenta de forma breve a questão (que ainda está sob desenvolvimento) sobre como as emoções podem também afetar nossa identidade. Considerando que há uma bibliografia consagrada e reconhecida que estuda como as emoções são influenciadas por nossas *identidades* (Le Breton, 2019), foi possível observar através das pesquisas que há um movimento reverso que acontece. A forma como nos sentimos diante de algumas vivências cotidianas transforma aspectos da nossa maneira de ser e estar no mundo.

A partir de uma metodologia qualitativa, realizei pesquisa bibliográfica, entrevistas com as interlocutoras e observações dos espaços comunitários do campus. Utilizo aqui o material compartilhado durante quatro entrevistas com três estudantes

² Site: Perfil do aluno por curso ao longo do tempo- Visualiza UFRJ.
<https://visualizaufri.forum.ufrj.br/graphs/perfil-do-aluno-por-curso-ao-longo-do-tempo/>. Acesso 29 de Maio de 2026.

³ Me graduei no curso de ciências sociais-licenciatura pela UFRJ.

negras, Luana, Leandra e Léia ⁴, que eram estudantes da UFRJ e habitavam o campus da Praia Vermelha com frequência. Somado a isso, utilizo minhas próprias experiências no local.

Busquei contribuir e pôr em diálogo a antropologia das emoções e estudos da interseccionalidade, para conseguir analisar os relatos e construir o material teórico. A partir da análise das nossas experiências, utilizo como base epistemológica a Epistemologia Feminista Negra (COLLINS, 2019), que considera que as experiências vividas por mulheres negras validam e são critério de significado e de investigação científica. Sendo assim, assumimos um novo posto na produção de conhecimento enquanto pesquisadoras ou pesquisadas. Defendo a partir desses pressupostos, e fortalecida por eles, que na academia nós produzimos um olhar sensível que fornece perspectivas e análises distintas dos pesquisadores brancos, devido às nossas experiências, afetações, saberes e contextos.

A pesquisa se estrutura a partir da investigação dessas subjetividades estigmatizadas, através das vivências de mulheres negras. Considero que o racismo age enquanto uma domesticação através do embranquecimento (Gonzalez, 1984), esta violência é uma das tentativas de aniquilação da nossa humanidade, tanto fisicamente, quanto interferindo em nossa autopercepção, autoestima e como nos expressamos. Outrossim, é a afetação na nossa esfera emocional, a violência racial também irá controlar e modular como iremos nos sentir. Assim, faz despertar sentimentos negativos em nós, constitui e ordena nossa experiência de habitar esse espaço e também molda “quem somos”. E a partir do campo da antropologia das emoções, me apoiei na compreensão das formas de sentir e do expressar das emoções são contextuais, culturais; assim como, perpassam também nossas experiências individuais, ou seja, a depender das nossas identidades, certas emoções serão sentidas e moduladas (Le Breton, 2019). Outro pressuposto importante que explorei, foi a quebra das dicotomias estabelecidas para pensar e analisar essas afetações (Le Breton, 2019), suas expressões e causas, como as classificações “internas ou externas” e “individual ou coletivo”. Ressalto também a relevância do corpo para o estudo das emoções, pois compreendo seu papel fundamental para pensar sobre o sentir, tanto para uma consideração quanto a *identidade social* (Carneiro, 1989), que irá agenciar as emoções; como também entender o corpo como este elemento que percebe os estímulos e expressa as emoções.

⁴ Os nomes das interlocutoras foram alterados, pois assim se sentiram mais confortáveis e seguras para participarem das entrevistas.

Dessa maneira, este trabalho teve o desejo de compreender e dar sentido às marcas que o racismo deixa em nossos corpos e emoções. Ao olhar para nós, mulheres negras, que habitam espaços majoritariamente brancos, busco reconhecer como essas experiências nos atravessam e moldam nossas formas de sentir, existir e resistir. Mais do que apenas apontar as violências, também evidencio, de forma breve, o movimento de resistência empregado por nós, ao transformarmos a dor em consciência de negritude e agência; e assim como as nossas fissuras, este processo também possui sentido coletivo. Assim, este trabalho é também um gesto de afirmação e de escuta, um modo de transformar a afetação em reflexão e, sobretudo, em possibilidade de reexistência através de machucados nossos.

RACISMO E SUBJETIVIDADES

Ao analisarmos as emoções se faz necessário considerar e discutir o contexto sócio-cultural em que os sujeitos estão inseridos, pois eles são agentes, produtores e atribuem significados aos nossos sentimentos. Nesse sentido, o ato de sentir emoções está no contexto, em como somos ensinados culturalmente e como isso se dá nessa relação. Ou seja, o que denominamos por sócio-cultural produz sentimentos (Ahmed, 2015), assim, constituindo a coletividade das emoções, compreendendo que a forma como sentimos e reagimos emocionalmente é compartilhada e nos é ensinada.

Portanto, ser uma mulher negra num país como o Brasil nos expõem a muitas situações de violência. Tendo em vista que, viver num país no qual o racismo e o sexismo é a ordem da formação sócio-cultural (Gonzalez, 1984), entende-se que esses sistemas de opressão afetam, transformam e agenciam nossas subjetividades. Desde quem somos, nossas identidades, nossos *selves*, como também tem influência sobre quais emoções são suscitadas a partir de acontecimentos cotidianos e memórias feridas. Nesse sentido, foi possível perceber o compartilhamento entre nós (entre mim e as interlocutoras) sobre como nos sentíamos no espaço do campus universitário da “PV”⁵, pois enquanto mulheres negras compartilhamos uma *identidade social* (Carneiro, 1989) que delimita nossas experiências de vida e nossas formas de ser e estar no mundo, consequentemente, afetando nossas emoções.

Para começar a compreender estas reflexões explico as complexidades que o campo abarca. Ao considerar que quanto mais ascendemos socialmente, mais embranquecidos se tornam os ambientes (Bicudo, 1947), pensar a existência de pessoas

⁵ Como os estudantes costumam chamar.

negras no ambiente universitário comprova isso, considerando que no campus da PV, segundo os dados de até 2019, o ambiente possui maioria branca entre seu corpo estudantil. Por isso, viver nestes locais, enquanto uma pessoa negra, consequentemente, provoca dores e nos faz sermos mais suscetíveis ao racismo. As interlocutoras ao serem questionadas sobre como se sentiam nesse campus responderam que sentiam um “*desconforto*” ao estar lá, assim, como eu também defini a minha experiência naquele local; o que senti na primeira vez que fui ter aula neste campus (em 2023). Após ser questionada sobre isso, Leandra compartilhou em uma das entrevistas uma experiência que ilustra o tipo de *desconforto* sentido por ela, respondendo que sempre pensava muito sobre como iria vestida para suas aulas na faculdade, pois não se sentia à vontade para usar roupas e assumir sua estética cotidiana. Ela disse:

“Po, eu construí por anos gostar do meu cabelo, adoro pintar o meu cabelo e tacar um nevou, tá ligado? E aí eu chego lá e eu vejo a polícia parando uns garotos na porta da faculdade, vejo uns vinte moleques parados assim na calçada e a polícia dando uma dura neles, e a maioria tudo com o cabelo igual ao meu e roupas também, tá ligado? Sabe... Como eu vou me respaldar para não passar por isso? E é muito triste falar isso, mas como eu me separo dessas pessoas para não passar por isso?” (retirado das gravações das entrevistas)

Através desse compartilhamento de desconfortos, percebo como a experiência e as emoções sentidas podem ser coletivas e individuais ao mesmo tempo, pois apesar de cada uma ter experiências diferentes devido aos nossos contextos, há algo que nos une e marca a nossa experiência vivida. Sendo assim, o que a Leandra compartilhou foi algo que ela experienciou e, apesar de ser um episódio individual, este estado de medo, preocupação e *desconforto* foram compartilhados por nós de diferentes maneiras e referente a diferentes situações. Como Luana, que também compartilhou sua experiência ao ir numa festa, no campus universitário, quinta-feira à noite, chamada “Festa do DCE”. Ela disse que foi uma primeira e única vez, pois durante a festa começou a se sentir sozinha e preocupada se as pessoas olhavam para ela e a julgavam de alguma maneira, “observava ao redor e só percebia pessoas brancas e que só chegavam nas pessoas brancas, e eu fui me sentindo perdida ali e comecei a chorar, e fui embora” (retirado das gravações das entrevistas). Estes incômodos associados por elas como “*desconfortos*” sentidos ali, e a forma como pensaram suas vivências no campus, revelam não só emoções sentidas por nós ao habitar esta localidade, como também as afetações que tivemos em nossas *identidades* (Hall, 2006).

Desse modo, utilizo compreendo que não possuímos uma única e centrada identidade, na verdade, a depender do contexto reagimos de formas distintas e somos diferentes, ou seja, estamos em constante mudança e abalo devido à esses

acontecimentos cotidianos, especialmente os de ordem dos sistema de opressão. Por isso, considero que nossas identidades são descentradas, elas transitam (Hall, 2006). Logo, ao interpretar que as nossas *identidades* e a *identidade social* (Carneiro, 1989) se interpelam de forma simultânea, e quando analisadas em relação a um panorama sociocultural brasileiro, percebe-se que estamos frente a uma situação racista nossas *identidades* são remodeladas e junto a elas emoções são despertadas.

À vista disso, nos afetamos e modificamos nossa forma de ser, de nos vestir, como nos portamos ao estarmos neste ambiente universitário, pois, a partir de nossas memórias de outros eventos racistas e dos que vivenciamos ou presenciamos no local, antecipamos medos nos preocupamos com as possibilidades de violência racistas que podemos vir a sofrer. Durante 2023 e 2024, quando frequentava o campus enquanto aluna da graduação, eu me preocupava constantemente com meu cabelo, me questionava se ele estava “cheio demais” ou se minhas roupas estavam adequadas e bonitas para estar ali, o que nunca havia sido uma preocupação tão latente e que me causava desconforto no campus em que eu estudava.⁶ Dessa maneira, percebo que há uma preparação para enfrentar e evitar passar por esses aviltamentos, numa tentativa de nos enquadrarmos à norma local, e a partir disso tentamos nos separar de quem somos, das roupas que gostamos de vestir, ou alteramos a forma usamos nosso cabelo.

Então, é nessa tentativa de não sermos vítimas do racismo, que se faz perceptível o papel do racismo enquanto agente das nossas subjetividades, pois exerce influência nas nossas identidades, na nossa autodefinição e modela nossas experiências e emoções, sendo ele um agente que nos danifica. Grada Kilomba em seu livro “Memórias da plantação” (2019) acredita que o racismo atua enquanto uma ferida na nossa constituição, pois vivemos sob o imaginário do branco, ou seja, interfere na forma como nos portamos, falamos, expressamos. Nesse sentido, compreende-se que a forma como queremos ser vistas é sempre a partir do branco e numa tentativa de fazer parte da ordem dominante, para nos sentirmos pertencentes e sermos humanizadas. Dessa forma, nos sentimos inferiores, mal, desconfortáveis porque estamos embarcando nas fantasias brancas (Kilomba, 2019) e elas, até certo ponto, têm um papel estrutural sobre como nos entendemos e nos estabelecemos no mundo.

A experiência coletiva das dores causadas pelo racismo possuem um significado social, para Le Breton (2019) as dores, são sentidas pelo mesmo grupo, expressam e são ativadas por dispositivos ou ações similares, e que por serem passados coletivamente

⁶ Estudei ciências sociais licenciatura no turno da noite no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ.

possuem seu significado, fazendo com que outras pessoas se identifiquem com a dor em questão. Por isso, entendo que há um lugar comum nas emoções e expressões das dores de mulheres negras. Tanto pelo sentir compartilhado dessas afetações (Le Breton, 2019), como também pelo fato de compreender essas emoções ao nos relacionarmos e comunicá-las entre nós, mesmo que advindas de experiências e contextos diferentes, compartilhamos a sensação de *desconforto*. Nesse sentido, acontece uma identificação das dores, atribuímos sentidos e nos unimos a partir delas.

Assim como o caráter coletivo das emoções, também há um caráter individual, escapando das dicotomias “ou um ou outro”, as emoções são geradas por questões individuais, devido aos sentidos e experiências e contextos específicos de cada pessoa. Considerando que enquanto mulheres negras compartilhamos muitas experiências, também possuímos nossas particularidades e vivências distintas, pois somos múltiplas (Collins, 2019), e possuímos diferentes marcadores sociais da diferença que agenciam nossos contextos e vidas, produzindo individualidades e compartilhamentos entre nossas vivências. E ao atrelar essas considerações à perspectiva da teoria das emoções, considero o que Damásio (1996) argumentou, “essa experiência pode variar muito ou pouco em comparação com a de outras pessoas, mas é só sua.” (DAMÁSIO, 1996, p. 166) Então, determinadas situações irão suscitar emoções e, ser quem somos e quais circunstâncias estamos inseridos, irão determinar como iremos reagir, expressar e sentir, assim como quais emoções serão despertadas.

Logo, as emoções não são universais, porque há algo nos contextos sociais e culturais diferentes que moldam as emoções e que delimitam de formas distintas como estas serão sentidas. Então, ao mesmo tempo que somos uma corporificação da cultura, também não somos um padrão, porque cada um a corporifica de forma diferente (ROSALDO, 2019).

Ser negra e estar em um ambiente majoritariamente branco fez com que nos sentíssemos daquela forma. Assim, entendo que somos afetadas por sentimentos negativos, ser quem somos acompanha feridas, então, por isso, reafirmo que as emoções são agenciadas também pelo racismo. O sociólogo Guerreiro Ramos afirmava que “Na cor negra, ao contrário, está investida uma carga milenária de significados pejorativos. Em termos negros pensam-se todas as imperfeições” (RAMOS, 1995). Com base nisso conseguimos entender melhor o lugar que o negro sempre foi colocado, que é na posição de desumanização; e, devido a imagem que eles criaram de nós ao longo desses anos de Brasil, nos tratam com insensibilidade. As emoções circulam entre esses contextos e relações de poder, e nessa circulação elas nos moldam (AHMED, 2015).

SUBJETIVIDADE DANIFICADA E IDENTIDADE

Nesta seção apresento de maneira breve algumas reflexões e questionamentos que penso e tenho elaborado sobre como as emoções também podem influenciar as nossas identidades e nos transformar a nossa forma de ser e estar no mundo. Ainda não consigo ampliar a discussão e me aprofundar nesse tema, mas utilizo esse espaço para começar um esboço da discussão e possibilidades de análise.

Como pensar a subjetividade quando se há a aniquilação de uma parte do self através do racismo? Para entender a subjetividade é preciso ter em mente que “há um primeiro princípio de incerteza, que seria o seguinte: eu falo, mas, quando falo, quem fala? Sou “Eu” só quem fala? Será que, por intermédio do meu “eu”, é um “nós” que fala (a coletividade calorosa, o grupo, a pátria, o partido a que pertencço)? (Morin, 1996) Logo, percebe-se que são diversas facetas que formam uma pessoa. Nesse sentido, a nossa subjetividade é formada através de agenciamentos, somos produtos de agenciamentos, e por isso não existe um sujeito com uma única identidade.

O sujeito não vem pronto, não somos pessoas isoladas, somos agenciados; nós nos constituímos em um agenciamento (Deleuze, 2003). Então, se pensarmos que todos esses agenciamentos são embebidos pelo racismo, tendo em vista a realidade da nossa sociedade brasileira, que tipos de sujeitos negros a nossa sociedade produz? Como se dá o nosso âmbito emocional? Diante disso, precisamos considerar que partes do nosso “Eu” são aniquiladas e danificadas devido a desumanização que sofremos, o que irá afetar, então, nossas formas de experienciarmos a vida e nos autopercebermos, por exemplo.

Desse modo, podemos entender que o nosso processo de subjetivação possui uma trajetória sinuosa, tendo em vista que a nossa sociedade racista age como um bloqueador, por isso, cabe pensar nos aparelhos de captura, estes que vão tentar produzir uma nova e única subjetivação sobre nós, uma que não é tão benéfica para nós, considerando que nesse processo tentam nos instituir uma só identidade, que é carregada de sentidos degradantes. Ou seja, a nossa subjetivação depende do agenciamento (Rose, 2011). Tendo em vista que, os agenciamentos que nós passamos são permeados pelos valores da branquitude, não há como esperar um desenvolvimento de uma identidade saudável, e sim uma imposição daquilo que eles querem ver em nós,

como um sujeito único que possui apenas um “Eu”. Sendo este, sempre carregado de sentidos pejorativos e estereótipos degradantes.

Portanto, uno a essas considerações a noção do racismo enquanto agente das emoções, pois ele alcança essa parte da nossa subjetividade e a prejudica, nesse sentido, ele dá origem a sentimentos como de medo, tristeza, raiva, vergonha, estresse, preocupação e nos fazer sentir desconfortáveis. Por isso, há também uma dimensão de relação, como Sarah Ahmed (2015) defende, os sentimentos não estão em nós, estão nas relações, e são produzidos no contexto, no encontro. Dessa forma, quando passamos uma vida inteira enfrentando e nos adoecendo por causa de um evento racista e em uma sociedade que cotidianamente renova o pacto da *branquitude* (Bento, 2022), e isto vai surtir efeitos emocionais em nossas vidas, porque o racismo se instaura e nos consome. Nos causando medo, receio e descrença em nossa potencialidade, vergonha de quem somos e da nossa aparência, por exemplo, ou seja, afeta também nossas *identidades*.

CORPO E EMOÇÕES

Destaco também a relação entre emoções e corpo. Quando perguntei à elas como percebiam o estado corporal delas ao habitar a faculdade, as percepções de cada uma se encontravam: “sentir os ombros tensos”, “o corpo endurecido, tentar andar o mais ereto possível”, “expressões sérias, desconforto tão grande que tentam ficar caladas”, “vontade de passar despercebidas”. Sendo todas essas classificações dos estados corporais advindas do estado de desconforto caracterizado por elas.

À vista disso, me questiono: Qual o limite entre as emoções e o corpo? O que é interno e externo? Pensar a Antropologia das Emoções é ir além das fronteiras, dos dualismos e oposições. Entendendo que há uma complementação muito interessante entre os campos de conhecimento e não há necessidade de dividir e tentar encaixar as emoções como sendo ou do campo psicológico, ou biológico/neurobiológico ou antropológico. A junção dessas três análises nos proporciona um enriquecimento e expansão das análises. Vale ressaltar que por fim as dicotomias não é tornar tudo igual, mas pensar as diferentes áreas de conhecimento e, conseqüentemente, conceitos e noções utilizados por elas, em conjunto.

Por isso, pensar se as emoções são internas ou externas, individuais ou coletivas não quer dizer que cada classificação não tenha suas singularidades e significados próprios nos estudos das emoções e no nosso entendimento sobre elas. Acredito que o que está em jogo aqui é não tentar encaixar as emoções definitivamente em uma ou outra, as emoções são internas, externas, coletivas e individuais ao mesmo tempo.

Durante as entrevistas com as interlocutoras ao falarem e lembrarem de episódios racistas que viveram neste campus universitário e em outros contextos elas não só falaram sobre como se sentiram, como também foi perceptível em suas exterioridades os efeitos das memórias e os sentimentos suscitados por estas. Para interpretar essas exterioridades das emoções, a análise feita por Octavio Bonet elucida esse ato, ele defende que “[...] uma concepção da emoção como uma interioridade que se manifesta” (Bonet, 2008, p. 4), ou seja, as emoções se expressam na nossa corporalidade e em outros aspectos físicos. Ao mesmo tempo que essas afetações possuem seu aspecto interno, pois ocorrem dentro de nós (no nosso cérebro, por alterações que ocorrem dentro do nosso corpo), mas isso transpassa para a nossa superfície, para o nosso externo. As nossas emoções ficam *à flor da pele* (Bonet, 2008).

E isso se manifestou durante as entrevistas, pelas muitas pausas feitas pela Luana ao relatar episódios racistas que sofreu durante sua vida, e quando ela chorou, mas tentou se conter, pois afirmou que não queria chorar. Quanto mais se sentia afetada pelo o que lembrava e contava, ela ia se encolhendo, juntava as mãos em seu colo e unia seus ombros para frente do seu corpo. Ela, ao compartilhar suas lembranças sobre como se percebia na adolescência, como “uma coisa grossa e áspera” (retirado das gravações das entrevistas), afirmou “não me sentia delicada, feminina e bonita como as outras meninas”, falava isso em meio a uma fala travada, com muitas pausas, postura curvada, tom de voz baixo que em momentos virou sussurros, e ao final chorou e rapidamente secou suas lágrimas dizendo que “não era para eu chorar” (retirado das gravações das entrevistas).

Leandra e Léia também se mostraram afetadas pelo espaço do campus, ao relatarem situações que se sentiram violentadas. Leandro falava com receio, muitas pausas e sempre um tom de voz baixo, e quanto mais relembrava e revisitava as memórias seu olhar se distanciava e não me olhava diretamente. E Léia falava com indignação ao lembrar das situações que já viveu no lugar, em especial, o que outros estudantes do local fizeram com ela; apesar de explorar essas lembranças, seu tom de voz não abaixou, continuou com timbre altivo, não desviava o olhar do meu, pelo contrário, sempre falou tudo olhando diretamente para mim e de forma séria, em alguns momentos fazia até piadas e ria ao ironizar alguns desses fatos.

Ressalto também a forma como eu fui afetada por esses relatos, através de um compartilhamento e identificação a partir das dores, ao me contarem suas feridas. Quando elas me relataram algo que as machucava eu percebia que ficava incomodada também, quando elas falavam algo triste eu também sentia e entendia aquela tristeza.

Algo que pude notar foi que, depois de suas falas em que compartilhavam essas histórias dolorosas, percebi que involuntariamente diminuía minha voz quando ia fazer uma próxima pergunta; assim como me mantinha em silêncio, com uma expressão séria e compenetrada ao que falavam, pois estava reagindo à essas informações que eram doídas em mim também.

RESISTÊNCIA E SUBVERSÃO

Apesar do material focar, em sua grande parte, em explorar as dores e efeitos do racismo em nossas subjetividades, entendo ser necessário suscitar as manifestações das resistências frente ao racismo, porque também fazem de nossas experiências de vida. Foi possível perceber que a agência que temos sobre nossas vidas nos direciona a uma subversão do racismo. O que enquadro como “resistências” é o movimento feito por nós, em que em algum momento percebermos que ser negro não representava algo ruim, o que foi acompanhado por um processo de ter orgulho de si. E mesmo com momentos de instabilidades causados pelo racismo, ao nos desenvolvermos e nos construirmos enquanto mulheres negras, essa positivação de “ser negra” nos acompanhou e redefiniu as nossas autopercepções.

Durante as entrevistas, quando as interlocutoras, ao serem questionadas sobre como se percebiam no atual momento de suas vidas, afirmavam que os diferentes estágios de vida (1. da infância e adolescência e a 2. a vida adulta) foram marcados por distintas consciências sobre “ser negra”. E que apenas na vida adulta conseguiram concretizar um orgulho de ser uma mulher negra, e que desfrutavam desse sentimento. Léia compartilhou que no início da sua graduação costumava usar roupas para se adequar ao campus da PV, porém teve uma virada de pensamento, ao passo que construía mais sua consciência crítica racial e participava dos movimentos estudantis percebeu que “a roupa que eu uso na minha favela, tem que ser a roupa que eu uso para vir para cá” (retirado da gravação das entrevistas).

É entre essas tramas de resistência e opressões que nos fazemos e refazemos cotidianamente.

CONCLUSÃO

A investigação dessas questões apresentadas de forma preliminar seguem sendo aprofundadas na atual pesquisa de mestrado que realizo, tentei aqui esboçar algumas análises iniciais dessas pesquisas em continuidade. Podendo concluir que o racismo tem um papel de um dos agentes das nossa subjetividade, pois influencia nas nossas

identidades, considerando que danifica nossa autopercepção, como nos portamos e podemos nos locais; assim como nos sentimos em um contexto embranquecido. Portanto, pude concluir que há uma importante ligação entre identidade, emoção e raça. Que se constitui sob a perspectiva não dicotômica das emoções, principalmente, ao pensar as questões da exterioridade e interioridade das emoções e sua individualidade e coletividade, que se fizeram bastante presentes ao longo das nossas experiências.

Outra reflexão que se fez importante apresentar é a subversão do racismo. Mesmo que de forma breve e menos debatida, afirmo a importância de nos projetarmos, enquanto uma comunidade de mulheres negras acadêmicas ou não, para além da dor e das fissuras. Pois compreendo que não somos apenas o que o racismo agencia em nós. A partir disso foi possível perceber o caráter complexo do racismo enquanto um fator social, agenciador de emoções e de remodelador de identidades, e que mesmo sendo ordenador de sentimentos negativos e autopercepções calcadas na inferiorização, nós abrimos brechas para resistirmos a ele. Portanto, nossas experiências de vida são marcadas por essas disputas entre os malefícios causados, sentidos e pelas tentativas de resistência e subversão desses machucados.

REFERÊNCIAS

- AHMED, Sara. “Introducción: Sentir el propio camino”. In: Sara AHMED. *La Política cultural de las emociones*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.
- BONET, O. A flor da Pele? Antropologia, emoções e redes. Conferência no NANTE Núcleo de Antropologia das Emoções– UERJ, 2008.
- BICUDO, Virgínia Leone. Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. *So ci o lo gia*, São Paulo, Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, v. 9, n. 3, 1947.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CARNEIRO, Sueli. “Identidade Feminina”- CACE Informativo– boletim do Centro de Assessoramento e Coord. Empresarial 9CACE), ano II, n. 6, p. 11, 1989.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019 [1990].

DAMÁSIO, António.. “Emoções e sentimentos”. In: A. Damásio. O Erro de Descartes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DELEUZE, Gilles. "Resposta a uma questão sobre o sujeito". In Gilles Deleuze. Deux régimes de fous. Textes et entretiens, 1975-1995. Paris: Minuit, 2003. Org. de David Lapoujade. P. 326-328.

GONZALEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs, 1984.

HALL, Stuart. A identidade na pós-modernidade. Rio de janeiro: DP&A, v. 4, 2006.

LE BRETON, David. “Antropologia das Emoções”. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

MORIN, Edgar. 1996. A noção de sujeito. Em D. F. Schnitman (Org.), Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas

ORTNER, Sherry B. 2007. “Subjetividade e crítica cultural”. Horizontes Antropológicos, vol. 13, n. 28, p. 375-405.

Perfil do aluno por curso ao longo do tempo- Visualiza UFRJ.
<https://visualizaufjr.forum.ufrj.br/graphs/perfil-do-aluno-por-curso-ao-longo-do-tempo/>.
Acesso 29 de Maio de 2026.

RAMOS, Alberto Guerreiro. Patologia social do "branco brasileiro". In: . Introdução crítica à sociologia brasileira. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, [1957], 1995.

ROSALDO, Michele Zimbalist. 2019. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 18, n. 54, pp. 31- 49.
Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury

ROSE, Nikolas. 2011. Agenciando nossos selfs. In: Nikolas Rose. Inventando nossos selfs. Psicologia, poder e subjetividade. Rio de Janeiro: Editora Vozes.